

Leodegária de Jesus: entre a decolonialidade e a religiosidade

*Leodegária de Jesus:
between decoloniality and religiosity*

Cosme Juarez Moreira Streglio

Resumo

Leodegária de Jesus é considerada uma das primeiras mulheres negras em Goiás a ter um livro de poesia a ser publicado com o título “Corôa de Lyrios em 1906 e o segundo livro “Orchideas” publicado em 1928. Ambos livros têm traços românticos- parnasiano. A jovem poetisa inicia a sua produção numa época em que o coronelismo estava no auge em todo Brasil. Uma mulher ter qualquer trabalho publicado era algo considerado impossível, mas a poetisa quebra tradições. Mostraremos uma Leodegária guerreira e vitoriosa numa perspectiva da teoria da decolonialidade e ao mesmo tempo uma mulher religiosa que coloca toda a sua confiança diante do sagrado para superar todas as dificuldades da vida. A poetisa em estudo é um exemplo de coragem, resistência e inovação para a sociedade goiana. O objetivo deste estudo é demonstrar como a poetisa conquista seu espaço na literatura enfrentando todo o preconceito e também perceber como é desenvolvido a temática religiosa em alguns de seus poemas entre eles destacamos o poema “Semana Santa”. O resultado esperado é perceber se a poetisa em seus versos legitimou a cultura coronelista da época ou a desconstrói esse modelo de poder.

Palavras-chaves: Leodegária. Decolonialidade. Religiosidade.

Abstract

Leodegária de Jesus is considered one of the first black women in Goiás to have a poetry book published with the title “Corôa de Lyrios” in 1906 and the second book “Orchideas” published in 1928. Both books have romantic-Parnassian traits. The young poet begins her production at a time when coronelismo was at its peak throughout Brazil. For a woman to have any work published was something considered impossible, but the poetess breaks traditions. We will show a warrior and victorious Leodegária from a perspective of the theory of decoloniality and, at the same time, a religious woman who places all her trust in the sacred to overcome all the difficulties of life. The poet under study is an example of courage, resistance and innovation for Goiás society. The objective

of this study is to demonstrate how the poet conquers her space in literature facing all prejudice and also to understand how the religious theme is developed in some of her poems, among them we highlight the poem “Semana Santa”. The expected result is to understand if the poet in her verses legitimized the coronelista culture of the time or deconstructs this model of power.

Keywords: Leodegária. Decoloniality. Religiosity.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo tratar sobre a poetisa Leodegária de Jesus bem como abordar aspectos religiosos e poéticos tendo como um dos instrumentos de estudo a teoria da decolonialidade. A metodologia adotada para esta pesquisa é partirmos para o aspecto histórico e biográfico de onde nasceu e viveu a poetisa bem como a sua formação poética. Abordaremos também por meio deste o rompimento que a poetisa Leodegária apresenta diante de uma sociedade coronelista ao produzir o primeiro livro sendo mulher e negra.

Para tal finalidade, buscaremos em autores que trabalham a ideia da decolonialidade na qual demonstram a desconstrução do poder patriarcal sustentado pelo sistema oligárquico ocorrido na época de Leodegária.

Citaremos autores que retratam sobre a biografia da poetisa em estudo entre eles temos: Basileu França, a Darcy França, Gilberto Mendonça Teles e Tânia Rezende. Sobre o aspecto de luta contra o poder patriarcal e da decolonialidade reforçando o papel feminino e pelo fato de a poetisa ser negra citaremos nesta presente pesquisa a doutora Tania Rezende.

Ao citarmos a pesquisadora Tania Rezende, ampliaremos o discurso da visão apenas romântica para a compreensão de uma Leodegária que assume o papel definitivo e importante na sociedade goiana que é ser escritora e de voz ativa.

Leodegária quebra paradigma do formato tradicional em que apenas os homens tinham direito em participar da política, literatura. O direito adquirido de escrever o primeiro livro numa sociedade dominada pelo sistema coronelista não foi nada fácil, mas com o incentivo de amigos e do próprio pai, a jovem poetisa venceu barreiras e tornou-se uma das primeiras mulheres goiana e negra a ter um livro de poesia publicado em Goiás com o título “Coroa de Lírios” em 1906. Neste artigo tentaremos responder algumas perguntas: Como a poetisa superou toda as dificuldades, seus poemas legítimas as tradições, que relação pode-se estabelecer entre os sofrimentos de Leodegária e a sua religiosidade. Em questão de ordem o artigo será dividido em três partes: Dados biográficos, a decolonialidade e a religiosidade.

1. Aspectos biográficos

Leodegária de Jesus nasceu no dia 08 de agosto de 1889 em Caldas Novas,¹ Filha de José Antônio de Jesus e Ana Isolina Furtada de Jesus. A poetisa com apenas dois meses de vida foi com os pais para Jataí² no qual o José Antônio foi solicitado para administrar

¹FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p.10

²FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 11

uma escola naquela região, depois a família se transfere em 1896 para Rio Verde na qual José Antônio torna redator do primeiro jornal da região chamado o “Oeste de Goiás”.

Os pais voltam para Jaraguá sem Leodegária³ e quando a jovem completa 14 anos escreve uma carta em forma de soneto ao pai por insistência do poeta Augusto Rios. A poetisa escreveu o seu primeiro livro chamado. “Coroa de Lírios”⁴ por volta de 1906. O estilo adotado por Leodegária era neorromânticos e parnasianista⁵ buscando inspirações nas leituras de poetas como: Cassimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Coelho Neto. A obra inicial da poetisa tem caráter biográfico com inspirações em poetas como: Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo.⁶

De 1903 a 1930 ocorreu no Estado de Goiás pelo menos nos primeiros séculos, a publicação de obras poéticas, houveram também possíveis desafios como a falta de recursos financeiros encontrados por alguns poetas e a dificuldade que tiveram para serem reconhecidos na Literatura.⁷

Em 1907 surgiu na cidade de Goiás o semanário “A rosa” no qual a intenção deste semanário foi tratar de assuntos literários da época e por curiosidade as participantes se vestiram de cor rosa. Era coordenado por Cora-Coralina, Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana.⁸

A jovem Leodegária iria participar da seleção para estudar no Liceu de Goiânia. Todavia, a participação foi dificultada por questões políticas que estava envolvido Antônio Jesus. Mas por insistência do pai de Leodegária, foi feita uma banca especial do Rio de Janeiro. A jovem conseguiu a aprovação, mas o resultado veio seis anos depois frustrando o sonho da poetisa estudar no liceu.⁹

A poetisa Leodegária levou o soneto “O cego” para Osorio Duque Estrada considerando o soneto quase realizado. Em relação à produção inicial não faltaram críticas e elogios a esta ilustre poetisa. Francisco Ferreira depois de quatro anos da estreia de “Coroa de Lírios”,¹⁰ tece seus respectivos comentários como cita Basileu.

No seu entender, o romantismo da menina escritora tinha chegado com muito atraso, mas de meio século, e a autora era “...modesta poetisa que, atirando à luz da publicidade Coroa de Lírios, veio nos mostrar o sentimentalismo do seu espirito, influxionado pela literatura do meado do século passado, quando falavam mais alto as vozes do coração, sem as peias da forma. Não era um elogio consagrador, nem tampouco ele apontava uma característica apenas de L.de J pois poderia ser aplicada a todos os poetas daquela época, que se orientavam pelo mesmo figurino: a metrificacão de Castilho.”¹¹

As críticas e elogios a Leodegária não pararam. O poeta Gastão de Deus ao escrever em “Páginas Goianas” escreve as seguintes observações a obra “Coroa de Lírios”. Uma

³ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 11

⁴ DENOFRIO, D., Lavras dos Goiazes III, p. 15

⁵ DENOFRIO, D., Lavras dos Goiazes III, p. 15

⁶ LIMA, M., ecoposia de Leodegária

⁷ TELES, G., A poesia em Goiás, p.30

⁸ TELES, G., A poesia em Goiás, p.30

⁹ DENOFRIO, D., Lavras dos Goiazes III, p. 20

¹⁰ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 11

¹¹ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 19

alma de estranhamento e lamento e cheio de mágoas que lhe trouxe a vida por um amor não correspondido”. A poetisa sonhadora buscou refúgio no sofrimento compondo poemas românticos e parnasiano.¹²

Uma das temáticas a ser tratada em *Coroa de Lírios* foi a desilusão amorosa. Porém, Basileu chegou a afirmar que não há prova da existência de alguém que fizesse sofrer o coração da jovem poetisa. existência de um rapaz mais velho com o nome de Djalma no qual rejeitou o amor de Leodegária.¹³

Um dos anos mais difíceis na vida da poetisa foram entre 1912 a 1920 sendo crises financeiras e a cegueira e a morte do pai Antônio Jesus no qual a jovem teve que trabalhar para sustentar a família. Leodegária juntamente com as irmãs e a mãe fundaram o colégio “São José”¹⁴ no triângulo mineiro. Os biógrafos chegam a afirmar os sofrimentos que ela passou entre eles: a cegueira do pai. Devido os grandes problemas familiares e pessoais, a segunda produção literária só ocorreu por volta de 1928 com a criação do livro chamado *Orquídea*.

A doutora e pesquisadora Maria de Fátima Gonçalves Lima ao analisar o livro *Orquídea* nos mostra que o mesmo é recheado de temáticas românticas: saudosismo, natureza e sentimentalismo, a pesquisadora nos aponta que uma das inspirações para esta obra foram de: Cassimiro de Abreu e Álvares de Azevedo

Há apenas duas produções literárias: *Coroa de Lírios* e *Orquídea*. Além destes trabalhos literários houveram poemas chamados inéditos “A Virgem Maria” e “Ave Maria” no qual iremos comentar no decorrer do artigo. Mesmo que a poetisa estive escrito apenas dois livros, Leodegária coordenou jornal literário e colégios.¹⁵

Leodegária de Jesus faleceu no dia 12 de julho de 1978 aos 89 anos de idade em Belo Horizonte depois de 23 dias de sofrimento. Mesmo todo o sofrimento que a vida lhe ofereceu, a poetisa sempre manteve sua fé em Deus. Quando tinha saúde, a poetisa lia trechos de “Le Divin Amin ou trechos do livro “Cristo de minha vida” de Clarence J. Ensler.¹⁶

2. Leodegária de Jesus e a decolonialidade

Iniciaremos este item partindo de uma leitura de qual é o conceito de decolonialidade e como a poetisa Leodegária de Jesus pode ser estudada por meio desta teoria. A estratégia de estudo apontando-nos o caminho por meio da compreensão da semiótica do corpo negro e a decolonialidade. A doutora Tania Rezende nos aponta a seguinte definição.¹⁷

A decolonialidade exige o entendimento do que seja a coloniedade. O movimento denominado de “grandes navegações”, no século XV, ampliou as fronteiras, com o deslocamento marítimo, a partir de um continente, o europeu, para outro, ainda desconhecido dos europeus, que veio a ser denominado América, além de intensificar e ampliar a dominação europeia na África e na Ásia.¹⁸

¹² FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 20

¹³ DENOFRIO, D., *Lavras dos Goiazes III*, p. 20

¹⁴ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 22

¹⁵ DENOFRIO, D., *Lavras dos Goiazes III*, p. 20

¹⁶ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 22

¹⁷ REZENDE, T., *A semiótica do corpo negro*, p. 132

¹⁸ REZENDE, T., *A semiótica do corpo negro*, p. 133

Exista a colônização e que por sua vez sustenta o mundo moderno. Tal contexto histórico de poder colonial construído no Brasil por volta do século XV dos exploradores e explorados no qual alguns séculos depois teve se esta mesma ideia entre o século XVIII e XIX por meio da compreensão histórica do dominador (coronéis) e dominados (o povo em geral).¹⁹ A opção descolonial é desvincular dos conceitos genuínos estabelecidos sem por sua vez ignorar valores pré-estabelecidos ou que já institucionalizados.²⁰ Por sua vez o sistema colonial é através da história que se organiza no sistema mundo/colonial e que está centralizada na modernidade.²¹

A ideia histórica entre o dominador e dominados oriundos de visão herdada do colonialismo pode ser compreendido por pelo modelo do novo dualismo. A diferença entre o corpo e não-corpo é universal. Daí temos corpo na visão da hegemonia branca (os dominadores) e temos os considerados de não-corpo (negros- tratados como escravos e objetos e vendidos).²²

Temos aí a poetisa Leodegária de Jesus, negra e mulher, ou seja, considerada de pouca ou nenhuma importância para uma sociedade patriarcal em que as mulheres não poderiam participar da nada. A poetisa estava enquadrada diante de uma realidade dualista em que a mesma era desvalorizada e sem importância.

O filósofo René Descartes, argumenta que a razão não é referida apenas a alma, mas sim a identidade, ou seja, o que é valorizado e importante. Por sua vez, o não-corpo não tem identidade, não tem razão, é um mero objeto para aqueles que detêm o poder. Portanto, esta nova ideia dualista do corpo e não-corpo é importante para compreender o contexto em que viveu a poetisa Le, marcada pelo poder colonizador.²³

Diante deste poder colonizador em que viveu a jovem poetisa marcada pelo conceito colonialista, predomina o patriarcado e suas derivações ou seja, novas sustentações de autonomias de poder e Leodegária representa a luta de resistência e busca de autonomia e reconhecimento.²⁴ A poetisa em estudo, é símbolo de resistência e coragem diante de tantas injustiças e preconceitos mas soube se impor e mostrar sua dignidade para o mundo goiano. Infelizmente a historiografia desconsiderou a ação da mulher no período colonial. Podemos dizer ao mesmo de mulheres goianas que por muito tempo foram ignoradas.²⁵

A jovem goiana Leodegária de Jesus viveu neste período histórico. Pode-se pensar qual era a importância desta poetisa num ambiente sociocultural na qual a mulher não tinha valor nenhum, ou seja, não assumia papéis na política, literatura. Mas a jovem poetisa na sua própria vida inverte esta triste realidade quando se torna uma das primeiras mulheres goianas e negras a ter um livro de poesia publicado em Goiás como atestam seus respectivos biógrafos: Basileu França, Darcy França e Gilberto Mendonça Teles.

¹⁹ REZENDE, T., A semiótica do corpo negro, p. 133

²⁰ MIGNOLO, W., Desobediência epistemológica

²¹ MIGNOLO, W., A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial.

²² QUIJANO, A., A colonialidade do poder

²³ QUIJANO, A., A colonialidade do poder

²⁴ SEGATO, R., Gênero e colonialidade

²⁵ NAVARRO, T., Os limites discursiva da história

Ao escrever o primeiro livro, a jovem Leodegária assume o papel importante na sociedade goiana pois mesmo com as duras críticas que recebeu por ser uma principiante, a jovem poetisa era de um espírito de aprendizagem.²⁶

Leodegária Jesus sejam nos aspectos biográficos, poéticos e social contribuem para o enriquecimento da cultura literária goiana.²⁷ Há uma novidade quanto a compreensão de se estudar sobre Leodegária, é a ideia do corpo negro que representa a luta e resistência contra qualquer tipo de repressão.²⁸

Darcy Denófrio não reconfigure o corpo de Leodegária de Jesus, ela refigura a semiótica do corpo e do espaço a mulher na literatura. A estudiosa Tania Rezende justifica em seu artigo *A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus* é que estudiosos deixaram de considerar o corpo negro de Leodegária nesta narrativa. A explicação da professora Tania é importante referente a esta conscientização se quisermos termos uma boa compreensão sobre esta jovem poetisa goiana chamada Leodegária.²⁹

3. A religiosidade de leodegária de Jesus

É de grande importância para esta pesquisa pois mesmo que cada uma delas tenham caminhos teóricos diferentes, enriquecem o nosso conhecimento sobre a literatura goiana. Diante disto, apresentamos neste terceiro item a ideia de expor sobre como se desenvolveu a religiosidade de Leodegária tendo como referência alguns dos poemas escritos em “Coroa de Lírios” e “Orquídea”.³⁰

Para entender sobre a religiosidade de Leodegária é necessário partimos para a ideia de como foi a educação que a jovem poetisa recebeu. A poetisa aprende as primeiras orações em casa bem como uma educação exemplar. Leodegária aprendeu o latim com o pai Antônio Jesus. Uma das orações que aprendida foi o Regina Coeli. A poetisa escreve três poemas em latim: “Mater”, “Regina Coeli” e “Requiscat in Pace”.³¹

A formação religiosa de Leodegária mostra que a poetisa foi uma mulher de fé e que não ficou apenas na contemplação, mas a sua vida pessoal foi marcada por sofrimentos e perdas como exemplo: a perda do pai, de não conseguir estudar no liceu de Goiânia, a desilusão amorosa por um rapaz chamado Djalma. Diante destes sofrimentos, a poetisa toma atitudes importantes e corajosas para época entre elas citamos: Cuidar dos pais, construir uma escola no triângulo mineiro, preparar-se para escrever o livro “Orquídea”.

A poetisa era uma mulher de muito oração era comum leitura do livro “Cristo de minha vida”, este era o livro de cabeceira da Leodegária. Por meio desta leitura e meditações entendia que o sofrimento de Cristo se torna o modelo para a sua vida. A poetisa não fazia murmurações diante dos fracassos que a vida lhe dava, mas se coloca em oração e se colocava sobre a vontade de Deus. Leodegária não abaixava a cabeça para o preconceito, era uma mulher que mostrou a sociedade goiana para que veio. Veio para ser respeitada.³²

²⁶ QUIJANO, A., A colonialidade do poder

²⁷ DENOFRIO, D., Lavras dos Goiazes III, p. 21

²⁸ REZENDE, T., A semiótica do corpo negro, p. 133

²⁹ REZENDE, T., A semiótica do corpo negro, p. 133

³⁰ REZENDE, T., A semiótica do corpo negro, p. 133

³¹ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 25

³² FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 25

A Leodegária fez de suas dores não um muro de lamentações, mas tomou atitudes concretas entre elas citamos: Viveu para a família, dedicou-se aos cuidados do pai. Assim como Cristo deu a vida pela humanidade tal qual acreditam os cristãos, Leodegária vive integralmente para os seus e carrega suas cruces entre elas: as crises financeiras da família, a doença do pai, que trabalhar de dia e de noite. Mas como Leodegária é uma mulher de oração, percebe que o sofrimento de Cristo é o sinal de páscoa, ou seja, a passagem da morte para a vida.

Na sua trajetória, Leodegária tem seus momentos que podemos chamar de páscoa sendo de uma sociedade em que somente os homens tem produções literárias e participações políticas e as mulheres ficaram no esquecimento percebe-se a passagem transformadora em pleno poder oligárquico em Goiás, as mulheres a começar com a poetisa goiana começam a participar da literatura e até da política. Uma mulher goiana e negra e que confia em Deus e torna a liderar grupos literários da sociedade goiana, mas sua fé nunca é deixada de lado.³³

Ao afirmar que a religiosidade de Leodegária é relacionada a sua própria vida e a mesma afirmava que “a religião é uma ciência que deve ser aprofundada o máximo”. Buscamos defender que a poetisa é uma mulher de fé e com atitudes. Um exemplo claro como atestam um dos seus biógrafos o Basileu França. Uma das atitudes a ser tomada pela jovem poetisa foi não se casar, mas sim cuidar do pai e de toda a família.

Existem alguns poemas feito pela própria Leodegária que nos ajudam a compreendermos a sua religiosidade. Aqui comentaremos o poema “Horto” que pertence a coletânea semana santa da obra Orquídea de 1928.

Semana Santa
No horto

Naquela noite, à sombra, solitário,
prostrado em terra, orando, o Mestre ouvia
o longínquo rumor extraordinário
da multidão atroz que O perseguia.

Aflue-lhe o sangue à pele... Uma sombria,
mortal tristeza n'alma e do Calvário
vê através do horror desta agonia,
o pavoroso, trágico cenário

Volve um olhar em torno., abandonado
em transe tão cruel! sem um conforto
naquela escura solidão de um Horto

Jesus, o rosto lindo ao céu alçado,
num doloroso acento, então, murmura:
"Meu Deus! passai de mim tanta amargura!"³⁴

³³ FRANÇA, B., Poetisa Leodegária de Jesus, p. 25

³⁴ JESUS, L., Orquídeas, p.97

No poema “horto” apresenta todo o sofrimento de Cristo que é percebido pelo eu-lírico e podemos diante deste poema fazer uma relação com a vida sofrida da poetisa Leodegária e demais mulheres inclusive sua amiga Cora-Coralina.³⁵

Logo no primeiro verso do poema temos: *Naquela noite, à sombra, solitário*, aqui o eu-lírico interpreta a agonia de Cristo no horto e Leodegária tem momentos de angústias ao acompanhar o sofrimento da família e do pai e no segundo verso temos: *prostrado em terra, orando*. A palavra oração é invocar, a oração é dita em voz alta, suspirar, um sentimento profundo que neste caso tal qual vemos no poema é uma profunda angustia de Cristo de *mortal tristeza n'alma e do Calvário*.³⁶

Durante a vida, Leodegária meditava em livros da paixão e morte de Cristo pois era uma mulher fervorosa de oração e da fé e que começou a usa-los no seu dia a dia sem murmurar dos sofrimentos da vida, mas souber enfrentar todos os desafios. Podemos dizer que Leodegária mesmo sem saber, realizou o convite de Cristo: “Quem quiser me seguir, toma a sua cruz e siga”.³⁷ A poetisa não morou em convento, mas optou por uma vida celibatária para cuidar dos pais e enfrentar vários obstáculos (cruzes) que a vida lhe dava, mas sem perder a fé.

Ainda ao analisarmos o poema acima temos os seguintes versos: “Aflue-lhe o sangue à pele... uma sombra/ Mortal tristeza na alma e do calvário”. Nestes versos, o eu lírico declara sobre o sofrimento de Cristo que lhe fere a alma, ou seja, uma dor profunda de morte. Mesmo diante de todo sofrimento, Jesus aparece nesta forma como declara o eu lírico: “Jesus, o rosto lindo ao céu alçado”. Diante dessa declaração, é feito o pedido: “Meu Deus! Passe de mim tanta amargura!” Diante da angústia, o eu lírico vê no sofrimento de Cristo uma esperança e faz o pedido: “Meu Deus! Passe de mim tanta amargura”.

Leodegária era uma mulher muito religiosa que buscava no sagrado refúgio para amenizar tanto sofrimento e então ao criar os poemas da “semana santa”³⁸ meditava nas dores de Cristo pois via diante da meditação meio para superar tantas dores na vida e ao mesmo lembrava uma prática dos fiéis que era ir as Igrejas até sexta feira da paixão. Ou seja, morte e o sofrimento eram mais valorizados para muitos cristãos e não a ressurreição.

Embora falamos de uma tradição do catolicismo popular em que a poetisa em estudo estava inserida, não há como esquecer viveu numa era em que representava momentos que representam dores: a não participação das mulheres, ainda havia escravidão no Brasil mesmo com a abolição.

A próxima parte do poema semana santa que iremos analisar é o “Levando a Cruz” nesta parte do poema, o eu-lírico contempla o momento em Cristo carrega sua cruz, temos aí Leodegária que carrega a sua cruz ou seja, seu sofrimento, angustias e perdas como ela mesmo explica na introdução de *Coroa de Lírios Mas aí! ... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideais e os róseos castelos que edifiquei*.³⁹ Assim, estes golpes e sonhos

³⁵ De acordo Basileu França, Leodegária teve amizades importantes entre elas a amiga Cora-Coralina que estudaram no colégio Santa Ana da irmãs Dominicanas. (BASILEU. Leodegária de Jesus, 1996, p.34)

³⁶ MACKENZIE, J., Dicionário bíblico

³⁷ O trecho está no Evangelho de São Lucas capítulo 9 versículo 23. (BÍBLIA DE JERUSALÉM)

³⁸ Semana Santa é um poema de Leodegária de Jesus dividido em quatro partes: No horto, Pretório, Levando a Cruz, no calvário que se encontra no livro “Orquidea”. O poema é um soneto. Para o presente artigo iremos realizar a análise de “Horto” e “Levando a Cruz”

³⁹ Trecho do livro “Coroa de Lírios” denominado “Patrícios” em que Leodegária apresenta seu trabalho poético.

perdidos podem ser comparados a estes versos: “Quando a Jesus cercado de tortura/ de uma angústia cruel que não se exprime”. Essa tortura a que o eu lírico se refere é a cruz pois: “A cruz levaram tão pesada e dura/ Em que devia consumir-se o crime”. Dessa forma, o sofrimento de Jesus concentra-se todo na cruz, pois como expressa o eu lírico, há o doloroso pranto de amargura, já que a cruz é levada até o Calvário, passando por um longo itinerário como se verifica nestes versos: “Partiram, pois, em busca do Calvário/Viram cair Jesus desfalecido/ Muitas vezes no longo itinerário”. Portanto, a expressão “levando a cruz” faz com que o eu lírico, diante do seu sofrimento amoroso e do seu pessimismo, medite na angústia suprema de Cristo.

Levando a Cruz

Quando a Jesus cercado de tortura,
De uma angústia cruel que não se exprime,
A cruz levaram tão pesada e dura,
Em que devia consumir-se o crime.

Naquele instante o Salvador reprime
Um dolorido pranto de amargura;
Tendo no olhar uma expressão sublime,
Recebe a cruz, beijando-a com ternura.⁴⁰

Nestes versos: “Quando a Jesus cercado de tortura/ De uma angústia cruel que não se exprime”, o eu lírico revive por meio da poesia o momento em que Cristo carregou a cruz até ao Calvário conhecido como o lugar da caveira. O eu lírico ao expressar: “A cruz levaram tão pesada e dura em que devia consumir-se o crime”, faz menção à linguagem bíblica em que Simão Cireneu ajudou Cristo a carregar a cruz; e o livro de Hebreus, no capítulo sete, versículo vinte e sete, relata: Cristo ofereceu-se como vítima para a expiação. Daí, o eu lírico afirmar em “Levando a Cruz.

O eu lírico revela a cruz como o arquétipo do sofrimento e da redenção, no qual tal ideia vai de encontro com o mundo divino, há a passagem da morte para a vida⁴¹ essa passagem pode acontecer de forma simbólica por meio do rio que caracteriza três ideias importantes: morte, regeneração e renovação. Assim o eu lírico, nos versos abaixo, demonstra a ideia da morte quando há “um dolorido pranto de amargura” e, ao mesmo tempo, aparece a ideia da regeneração e da renovação em “tendo no olhar uma expressão sublime, / Recebe a cruz, beijando-a com ternura”.⁴²

Na segunda Estrofe:
Naquele instante o salvador reprime
Um dolorido pranto de amargura,
Tendo no olhar uma expressão sublime ,

⁴⁰ JESUS, L., *Orchideas*, p.99

⁴¹ FRYE, N. *Introdução polemica*, p.30

⁴² CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A., *Dicionário de Símbolos*, p.884

Recebe a cruz, beijando-a com ternura.⁴³

O eu poético ao expressar: “Naquele instante o Salvador reprime”, há, dessa formar o arquétipo apocalíptico de Cristo que é Deus-Homem, o cordeiro de Deus, a árvore da vida, a videira da qual somos galhos, a pedra que os pedreiros rejeitaram e o templo reconstruído que é idêntico a seu corpo ressuscitado.⁴⁴

A palavra cruz, expressa pelo eu lírico, apresenta o sentido, ao mesmo tempo, místico e poético. Místico, pois estabelece uma unidade entre a poética de Coroa de Lírios e Orquídeas em que o eu lírico se depara com o sofrimento de Cristo e lembra-se do sofrimento amoroso que se transforma em linguagem poética que ocorre em seis poemas: “Setembro”, “Volúvel”, “Contraste”, “Suspiro”, “Impossível” e “Triste Viver”.

Da mesma forma, liga ao aspecto místico como ocorre no poema “Levando a Cruz”. Na segunda estrofe, estão presentes, portanto, as imagens arquetípicas por meio das expressões: sublime/ternura e amargura/ternura como pode ser visto nestes versos: “Naquele instante o salvador reprime/ Um doloroso pranto de amargura/ tendo no olhar uma expressão sublime/ recebe a cruz, beijando-a com ternura”.

Os seis poemas citados acima formam uma coletânea do sofrimento amoroso da Leodegária e a mesma se refugia diante da oração e da contemplação. Seu sofrimento não é apenas amoroso, mas também viva a dor da injustiça por ser negra e muitas vezes esquecida pela sociedade e daí seu doloroso pranto de amargura, suas decepções da vida que são colocadas como meditações diante do sofrimento de Cristo e como mulher de fé suas vitórias são depositadas diante do Sagrado.

Conclusão

Podemos considera que Leodegária foi uma guerreira do seu tempo. Mostrou a importância da mulher na literatura e na participação socia em coordenar eventos literários como por exemplo o semanário “a rosa”. Souber enfrentar desafios na vida. Era uma mulher temente a Deus. Souber colocar no Sagrado toda confiança e afeto como atesta seus biógrafos.

Sendo negra e filha de negro, assume liderança na sociedade, o destino a fez provedora da casa, criou escolas, foi professora, uma mulher à frente do seu tempo. Defendemos a ideia de que mesmo a poetisa vivendo num período oligárquico, ela não legitima paradigmas tradições, ou seja, não legitima princípios autoritários entre eles: machismo.

A poetisa em estudo é exemplo de vida, sonho e conquistas. É uma mulher de fé acredita na transformação cultural e literário e pessoal. A fé que ela possuía não era apenas contemplativa, mas de atitudes, sua confiança no sagrado fez com tomasse atitudes em sua e uma delas foi lutar com preconceitos pois era negra e por sua vez, mostra sua importância, se impõe na sua sociedade que predominava valores coronelistas.

Portanto, ao concluir este trabalho não podemos de citar grandes mulheres que contribuem para cultura goiana e nos brindam ao revelar sobre uma das importantes poetisas do estado de Goiás, a Leodegária. Estamos nos referindo as estudiosas Darcy França e Tania

⁴³ JESUS, L., *Orchideas*, p.99

⁴⁴ FRYE, N. *Introdução polemica*, p.30

Rezende. Duas estudiosas que resgatam personalidades importantes do estado goiano que geralmente ficam esquecido do mundo acadêmico.

Referência bibliográfica

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2013

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio. 1990

DENÓFRIO, D. F. **Lavra dos Goiazes:** Leodegária de Jesus. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001

FRANÇA, B. Poetisa Leodegária de Jesus. Goiânia: Kelps.1996.

FRYE, N. “Introdução polêmica” in. **Anatomia da Crítica.** Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo: Cultrix,1973. p.11-36.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas** Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005

JESUS, L. de. **Coroa de Lírios.** Campinas: Editora Livro Azul, 1906.

JESUS, L. de. **Orquídeas.** São Paulo: Editora Ave Maria, 1928

LIMA, M. de. F. G. Orchideas, a ecoposia de Leodegária

MACKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Edições Paulinas, 1984

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistémica:** a opção descolonial e o significado de identidade em política. Caderno de Letras da UFF, 2008

MIGNOLO, W. D. **A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial.** Revista lusófona da Educação, 2020

NAVARRO-SWAIN, T. **Os limites discursivos da história: imposição de sentidos.** Labrys: Revista de Estudos Feministas, nº 9, 2006. Disponível em: Acesso em 02 jun. 2006.

REZENDE, T. F. A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus. **Revista Plurais – Virtual**, v. 8, n. 1 – jan./abr. 2018 – p. 131-159.

SEGATO, R. L. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** e-cadernos CES [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 dezembro 2012, consultado a 30 abril 2019. URL.

TELES. G. M. **A poesia em Goiás.** Goiânia: UFG, 1982.

Cosme Juares Moreira Streglio

Mestre em Letras/Crítica literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiás / GO – Brasil

Email: cosmefilosofia@gmail.com

Recebido em: 29/06/2023

Aprovado em: 10/10/2023